

Dramas Alegóricos

de Bocage

A CONCÓRDIA

ENTRE AMOR E A FORTUNA

Drama para música, num só acto

*(Dedicado aos anos da Il.^{ma} Sr.^a D. Ana Joaquina Cardoso Accioli,
natural da Baía)*

*S'asconda Amor n'ella mia ceira, e dia
Sol concertí d'Amor la Musa mia.*

Metastásio, *Epital.*

Actores: AMOR; VÉNUS; A FORTUNA; Coro dos *Amores* a das Graças; *Génios alados*, que acompanham a Fortuna.

A cena figura-se num bosque aprazível.

CENA I

Amor e os Amores

CORO

Ó Séculos formosos,
De cândidos costumes,
Em vós mortais, e numes
O júbilo igualou!

AMOR

Que encanto, que alegria,
Graça, esplendor, pureza
Na infante Natureza
Em todo o ser, brilhou!

Então do tenro mundo
A superfície amena
Descendo a Paz serena,
A Terra em Céu tornou.

CORO

Ó séculos formosos! etc.

AMOR

O Sol, então recente
Lá na recente esfera,
De assídua Primavera
'Té brenhas esmaltou.

As ondas preguiçosas
A espaços desmanchando,
O mar fagueiro, e brando
Na areia então brincou.

CORO

Ó séculos, etc.

AMOR

A um tempo ali se viram
O fruto, e flor pendentes;
Em lípidas correntes
O néctar murmurou.

Em vós, ó almos dias,
Amor era um tesouro;
Em vós, ó dias de ouro.
Tudo sentiu, e amou.

CORO

Ó séculos, etc.

AMOR

Ah, que saudade eterna
Turvara ao mundo a face,
Se o Fado a Amor negasse
O bem, que lhe outorgou!

Dos dois ao rogo, ao mando,
Do sono em que jazia
Surgiu celeste dia,
E a Natureza ornou.

CORO

Ó séculos, etc.

AMOR

Um dia em que mais leda
A rara nuvem cora
E vem trajando a Aurora
Galas, que nunca usou:

Um dia em que tão bela,
Ou mais do que Acidália,
Nascendo a meiga Anália
O império mau firmou.

CORO

Ó séculos, etc.

AMOR

Alados sócios meus, fervente origem
Do júbilo supremo,
Que as delícias do Olimpo a Jove apura;
Númes do coração, reis do Universo,
Amores, ele em nós hoje prospera;
Hoje da fonte de imortais luzeiros
De novo emana um dia,
Que exalte, que remoce a Natureza
Salve, natal de Anália,
Salve, luz, com que Aurora
Mais que de tantas mil se ensoberbece!
Quando apontou vaidosa a vez primeira
Na de púrpura, e de ouro
Ténue, bordada nuvem,
Que aljôfares entorna,
Não tinha o brilho, a cor do que se adorna.
Eis os campos de Amor, eis os meus campos,

Áureo terreno amigo,
Por quem Pafos enjeito, enjeito Idália:
Áureo terreno amigo,
Onde mais que mortal parece o gosto,
Onde embalsama os ares,
Onde serena os rios
Dá viço, dá matiz, dá mimo às flores
A salutar, fragrante
Respiração do Anália.
Anália, meu tesouro, e vosso encanto,
Merece a *Amor*, aos Céus, aos Fados tanto.

Ária

Verdes bosques, viçosas campinas,
Dos Amores suave morada,
Onde Anália mimosa, engraçada,
Qual a rosa louçã germinou:

Recamai-vos de tenras boninas,
Com que brinque Favónio ligeiro,
Que este dia, dos seus o primeiro,
Dos prazeres nas asas voltou.

CENA II

Os Amores e a Fortuna, que desce rapidamente num globo, ladeada de Génios

AMOR

Porém aos olhos meus que objecto assoma
És tu, deusa falaz, és tu, Fortuna
De fantásticos bens depositária,
Tantas vezes, ou sempre a Amor contrária?

FORTUNA

Sou eu, menino audaz, sou eu, que ufana
No dia mais credor às graças minhas,
Entre os mil Génios que meu globo enfeitam,
Venho sobre estes campos deleitosos
Ratificar-lhe as ditas,
Ditas, que, em honra à minha doce aluna,
Em honra à bela Anália,
Soltas das leis do tempo aqui florecem.
Pasma, insano Amor, de que a Fortuna,
Cujas glórias motejas,
Mais brilhantes, mais sólidas que as tuas,

Baixe ao feliz terreno,
Onde raro penhor da Natureza,
Mortal quase divina
Em dobro com meus dons, com meus afagos
Triunfa, resplandece?
Mais que a ti me pertence honrar seu dia,
Desdiz muito da minha a essência tua,
É de outro grau meu nume.
O respeito, o prazer, bastões, e os ceptros
São dádivas, são mimos
Desta mão benfazeja,
Desta mão, que à de Jove apenas cede.
Com ela o mundo antigo, o novo mundo
(Que, produtor de Anália,
Sobressai ao primeiro),
Com ela quanto existe abranjo, ilustro.
E tu de vãos deleites,
Ou mortais dissabores
Frívolo autor, e venenosa origem,
De que os mesmos favores
Aos que os possui afligem.
Tu, que duros farpões atraíçoados
As moles almas, de que és deus, apontas
Assim com voz proterva, assim me afrontas?

Ária

Queres, menino insano,
Opor-te às leis do Fado!
De meu poder sagrado
Teu nume é vão rival.

Senhoreava os entes
Tua influência outrora,
Mas o meu ceptro agora
É ceptro universal.

AMOR

Debalde, vária deusa, te glorias
Coas dádivas, que choves sobre o mundo,
Frágeis, caducos bens, que o vulgo anela,
Do vício vezes mil, e raras vezes
Da virtude instrumentos.
Anália encantadora,
Alma brilhante no favor não cega
Dessa mão, que nomeias benfeitora.
Tesouros de candura, e de beleza,
Seus lúcidos costumes
Têm doce origem na moral dos numes:

Pensas acaso que teus dons seriam
Capazes de atear não puro afecto
No consorte preclaro,
A quem protege Amor, Minerva escuda?
Esse, que em laços de ouro unido à bela,
O néctar gosta nos encantos dela?
Muito se deve a mim, tudo a seus olhos,
Da glória que remata os meus triunfos
Agentes milagrosos.
Atreve-se a Fortuna a ter-me em pouco?
Entre as classes divinas
presumes que teu grau me sobreleva?
Eu sou pura nascente,
Manancial perene
Da alta harmonia, universal, e eterna
Sem mim ao mar, à terra, até aos deuses
Peso insofrível a existência fora;
Por mim na imensidade, errantes, fixos
Milhões cintilam de assombrosos mundos;
Por mim no seio das equóreas lapas
Ardem, cobiçam, reproduzem crescem
Os mudos nadadores.
Eu sou, que ás várias, enramadas plantas
Dou alma, dou fragrância. fiões, frutos;
Sou eu, que aos bravos tigres,
Aos jubados leões converto as ires
Em rugido amoroso.
Por mim, tu, rola, arrulas,
Come a tenra, inocente, ingénua pomba;
Por mim subsiste, anexo à formosura,
Princípio inexaurível de ternura.

Ária

Por Amor conseguem vida
Homens, peixes, aves, flores;
Do Céu cabe aos moradores
Rir da morte,
Mas por sorte
Também meus escravos são.

'Té Anália branda, e bela,
Que os encanta, que os desvela,
Já pendeu da minha mão.

FORTUNA

Tu, que ostentas de rei da Natureza,
Que sacrílego arrogas
'Té no arbítrio do Jove império sumo,

E crês que a teus virotes
Cedo o raio, o pregão da onnipotência.
Rende graças ao dia
Em que Anália mimosa
Dispôs o orgulho meu para a brandura.
Se não fora este indulte,
Se o momento dourado este não fora
Em que serene abrindo
Os olhos divinais à luz primeira
Em vez de brando choro,
Soltou sorriso brando,
E ser dos astros vinda
Mostrou na face linda,
Fizera...

AMOR

Que fizeras, que atentaras,
Caprichosa deidade,
Contra mais que celeste imunidade?

FORTUNA

Toda a tua altivez por mim repulsa,
Opróbrio teu seria:
Em quadro viras de afrontosas cores
Teus males, temia perjúrios
Pranto, e sangue por ti fervendo em rios;
A Suspeita rugosa
Perdida entre ilusões, entre fantasmas,
Sombras palpando, e crendo;
Viras queixosas, pálidas Saudades,
Já fitos sobre a terra os turvos lumes,
Já vãmente alongados
Para climas ditosos, onde os gostos,
Os bens do coração lhe some a Ausência;
Viras sobre vulcão de flama eterna,
Respirando traições, venenos, fúrias,
De víboras mordidos,
E víboras mordendo,
Os Ciúmes, a peste, a morte da alma;
Viras... mas este dia é sacro a todos,
Nele até entre nós concórdia reine.
Noutro, aos Céus menos grato,
Menos grato à Ventura, à Natureza,
Confessarás, dobrando
Ao peso da verdade insânia altiva,
Que o reforço, a coluna,
A base do universo é a Fortuna.

Ária

Os bens, se alguns crias
Com lua influência,
Iguais são mia essência,
Iguais no prazer.

Os dons, que derramo
Com plácido rosto,
Diferem no gosto,
Diferem no ser.

AMOR

Da lívida suspeita, e vil perjúrio,
Da traição, da inconstância, e da saudade,
Do pranto, e do queixume,
Do rábido ciúme,
Inferno de apurados amadores,
Falas, ó deusa injusta,
Como se fossem meus cruéis ministros,
Cruéis sequazes meus! Não consideras
Que o bando horrível de tão negros males,
Que de Júpiter mesmo azeda instantes,
Prole não é de Amor, sim dos amantes?
Danos sem conto, que aos mortais fulminas
Onde estão, fraudulosa? Onde se ocultam
De raio vingador, que Anália vibra
Dos olhos fulgurantes,
Os companheiros teus, iníqua turba?
Onde enfunado Orgulho?
Veladora Ambição? Mirrada Inveja?
Onde inerte Preguiça,
Que as almas adormenta
Desses que amimas, desses que te adoram?
Ah! Se não fora deste dia ameno
A glória, o fasto, o resplendor, e a gala,
Que etéreo lustre iguala,
Talvez, volúvel deusa,
Talvez tuas pisadas não seguissem
Beneficência, Glória,
O Júbilo, a Brandura,
Mais, mais sócios de Amor que da Ventura.

Ária

Quando à Virtude
Ventura é presa,
Torna a beleza
Mais singular:

Que por si mesma
Não é Ventura
Arte segura
Para enlevar.

Mas ah! Benigna mãe, tu, que em teu grémio,
De flores, e delícias enfeitado,
Comigo a linda infância acalentaste
De Anália melindrosa,
Descuidas-te em seu dia,
Dia das Graças, dia dos Amores,
Descuidas-te de ornar com teus sorrisos,
Com tua voz divina
O solene fervor, que todo inflama!
Eia, apressa-te, ó mãe!... Com vivo adejo
Dirige aqui, dirige
Das pombas amorosas
C níveo par gentil, que enfreiam rosas.

CENA ÚLTIMA

Desce Vénus num carro tirado por pombas entre as Graças, os Risos, os Encantos, etc.

VÉNUS

Sossega, filho meu; não foi descuido
Minha loriga tardança,
Antes cuidado, que de Anália bela
Me deve o genial, brilhante dia:
Era digno de mim, de Jove, e dela
Findar tenaz porfia,
Antiga oposição fatal discórdia
Entre Amor, e a Fortuna.
Atraídos vontade, e pensamento
A tão prestante objecto,
Na concha matizada os Céus demandando,
Entro de Jove os paços.
E ante a face imortal, com brandas preces
Extraio à mão suprema
Alto decreto, que a Fortuna obriga
A ser-te sócia, ó filho, a ser-te amiga.
Em sacrificio terno
Aquela por quem és maior, mais nume
Que por tantas, e tantas
Com que o Tamisa, o Tejo, o Tibre, o Sena
Sussurram de ufanias:

Oh, que séculos vale a Amor seu dia!
Aprove, apraz aos fados
Que de Anália se esquivem Tempo, e Morte.
Em seus dotes absorta
Razão me inspira que espontânea Vénus
O cinto vencedor a Anália ceda,
E altar, e incenso, e culto.
Vamos, Fortuna, Amor, Encantos, Graças,
Da nova deusa aos lares,
De áureas Virtudes templo,
Cantar seus dons, seu nome: eu dou o exemplo.

CORO

Acorde melodia
Voe, enfeitice os ares,
E os majestosos lares
Soem prazer e amor.

VÉNUS

Tu sempre a ele unida,
Junto do Anália bela,
Goza nos olhos dela
O olímpico fulgor.

AMOR

Anália, que, sorrindo,
De corações se apossa,
É mais que imagem nossa
Na graça, no esplendor.

FORTUNA

Nada possui a Terra
Que a tanto bem se iguale:
Os maus tesouros vale
Seu mínimo favor.

CORO

Acorde melodia
Voe, enfeitice os ares,
E os majestosos lares,
Soem prazer, e amor.

A VIRTUDE LAUREADA

Drama para música, num só acto

(Representado no Teatro do Salitre, no ano de 1805)

Actores: A CIÊNCIA; A HOSPITALIDADE; A INDIGÊNCIA; A POLÍTICA; A LIBERTIBAGEM; O GÊNIO LUSITANO.

Lugar da cena: Praça magnífica sobre as margens do Tejo.

CENA I

A Ciência por um lado e a Indigência por outro com a Hospitalidade

CIÊNCIA

Eu, que elevo os mortais, e os esclareço;
Que meço a lua, o Sol, que o mundo abranjo;
Que da vetusta idade aclaro as sombras;
Que entro por seus arcanos e revoco
Dentre o pó, dentre a cinza, dentre o Nada
Ao século vivente as eras mortas;
Que dócil fiz o indómito Oceano,
Abismo de pavor, de bojo imenso,
Que só por alta lei não sorve a Terra;
Eu, do grão Jove, confidente e imagem,
Que do Fado os mistérios desarreigo
E coa moral dos Céus cultivo o globo;
Eu, a Ciência, eu fonte, eu mãe das Artes,
Que sei desirmanar na inteligência
Entes, na forma iguais, na espécie os mesmos,
Tornando-os entre si tão desconformes.
Qual dista do selvagem bruto e fero,
Macio cidadão, que as leis poliram:
Ah! Não posso impetrar, colher dos numes
Para os alunos meus pavês sagrado
A teus golpes, Fortuna, inteiro, ileso!
Sem que benigna mão lhe adoce os fados,
Sem que escassa piedade o chame à vida,
De vigílias mirrado o sábio morre.
Almas corrompe do egoísmo a peste;
Camões, Homeros na penúria cantam;
Ei-los coa glória temperando a sorte;

Soam prodígios de um, prodígios de outro;
Férrea caterva os ouve: admira e foge.
Só quando o vate é cinza, o muito é nada,
Por eles se interessa o mundo ingrato;
Na glória estéril de epitáfio triste
Sólidos bens o bárbaro compensa:
Contraditória humanidade insana!
No insensível sepulcro os sábios honra,
E os sábios não remiu na desventura!
Quais eles foram diz, não diz qual fora:
Nas almas frias e remorso é mudo.
Ai dos alunos meus! Socorre-os, Fado,
Risca do livro eterno o duro artigo,
Que ao mérito, ao saber seus prêmios veda;
Aquece os corações no ardor da glória,
Fraterniza os mortais, onde suspiram,
Os poucos filhos meus coa mãe prosperem;
E onde com seus inúmeros sequazes
Colhe triunfos, a Ignorância gema.

INDIGÊNCIA

Mãe venerável, teu queixume ouvindo,
Amarga-me da vida o fel em dobro,
A filha tua, a mísera Indigência,
Que muda te escutou piedosas mágoas,
Contigo vem gemer, carpir contigo
A moral corrupção, que empesta o Globo.
Plagas e plagas entre as sócias minhas,
Entre as mansas Virtudes hei vagado.
Pela voz da Pureza (a que é de todas
A mais formosa) deprequei o auxílio
De inchado cortesão, que um deus se cria.
Melindre, candidez, virgínea graça
(Qual flor, em que era orvalho o doce pranto)
Aos olhos do soberbo expôs seus males.
De gesto aceso, ovante ele a contempla,
Nem um momento à dor constrange o vício;
Em vil proposição, que ao fúrias ditam,
Profana da Inocência o casto ouvido,
E em câmbio da virtude exige o crime.

CIÊNCIA

Céus! Que infâmia! Que horror! Prossegue, ó filha,
Sucumbiu a Inocência à vil proposta?

INDIGÊNCIA

Não, que nos olhos, meus velavam deuses,

Fautores da virtude; escuta, e folga.
O celeste rubor, que tinge a Aurora,
Sobe à face gentil, e as rosas brilham;
Mas súbito tremor branqueia-o logo
Ei-la, de olhos no Céu, e geme;
Eu porém, que no efeito observo a causa,
Ao sedutor pestífero arrebatado
O objecto divinal, que o torna um monstro.

CIÊNCIA

Olha o Céu na Inocência a imagem sua.

INDIGÊNCIA

Murchas no horror do abominável caso,
Inda contudo as esperanças minhas
Levei de lar em lar, devendo a poucos
Piedade accidental; bati cem vezes
Às surdas portas de sumido avaro
(Sumido em subterrâneo abismo de ouro).
Falara o monstro se falasse a morte:
O silêncio dos túmulos o abrange,
Ante o metal (seu deus) que em férreos cofres
Coa vista famulenta o vil devora;
Servos dele (o poder é tal do exemplo!)
Depois de longo espaço, e vãs instâncias,
Coma desabrido «Não» me afugentaram.

CIÊNCIA

Do tudo há monstros mil na espécie humana;
Mas todos vence da Avareza o monstro.

INDIGÊNCIA

Atende ao mais, e adoçarás teu pranto.
Do centro da Impiedade enfim retire
Os fatigados pés, e os dirijo aos campos,
Absorta nas imagens carinhosas,
Com que afagais a ideia, ó áureos tempos!

CIÊNCIA

Se ali não há virtude, onde é que existe?

INDIGÊNCIA

Pobre choupana, que forravam colmos,
Humildes lares, que zelava um nome,

Atraem meus olhos e meu passo animam.
Chego, e curvo ancião, que ali repousa,
Grande em seu nada na indigência rico,
Sorrindo-se me acolhe, amima e nutre.
Senta Hospitalidade! Eras a deusa,
Que o rugoso varão, madura esposa
E imberbe prole sua abençoava!
Com milagrosas mãos os parcos frutos
Nas árvores fadadas avultando,
Para os errantes, pálidos, mesquinhos,
Que eterna Providência lá dirige,
Leda colhias saboroso alento;
E qual outrora a um Deus, incluso no homem,
Muito do pouco a teu querer surgia.

HOSPITALIDADE

Conferiu-me esse dom quem 'té no insecto
Provê, do que lhe cumpre, à ténue vida.
Deixando influxos meus ao casto alvergue
Onde Beneficência, e Paz convivem,
Acompanhar-te quis ao vasto empório
De Lísia, do universo, à grã cidade,
Que espelha os torreões no vítreo Tejo,
Donde sagradas leis despede ao Ganges.
O globo é puro aqui, e aqui parece
Estar inda na infância a Natureza,
Bela, serena, cândida, inocente;
Príncipe amado, imitador dos numes,
Ao público baixel meneia o leme;
Numera os dias seus por dons, por graças,
E o mérito sem susto encara o trono:
Se o gravame do ceptro aceso inclina,
É sobre os ombros de ministros puros,
Dignos do alto esplendor, que sai da escolha.
Um deles, cujo nome é caro aos justos,
Que tem, que exerce o ministério santo
De velar sobre o público repouso;
Que encarcera, agrilhoa, oprime o vício,
O contágio dos maus aos bons evita,
E em piedoso recinto abriga, instrui
A puerícia, que em flor dispõe ao fruto:
Luceno, o zelador dos sãos costumes,
Pai do infortúnio, da ciência amigo,
Guarida vos promete: expondo, expondo
Ao ministro exemplar, meu claro aluno,
A vossa condição: vereis descer-lhe
Dos olhos paternais amável pranto,
Proveitoso, eficaz, não pranto estéril,
Que momentâneas sensações produzem,

E o mérito infeliz, qual viram, deixam.
Em Luceno o favor segue a piedade;
Mortal, que nos imortais sem custo imita,
E o bem, só porque é bem, desenha, opera.
Eia, vinde; eu vos guio aos benfazejos
Lares seus, lares meus: sereis ditosos,
Ó Ciência! Ó Penúria! – Os Céus o ordenam.

CENA II

O Génio da Nação e as mesmas

GÉNIO

Os Céus o ordenam, sim; vai, guia, ó deusa,
Essa ilustre infeliz, e a mesma prole
Ao magistrado exímio, ao grande, ao justo;
Cessem queixumes, esperanças folguem.
Ide; o Génio de Lísia, eu que dos deuses
Tive alta comissão de olhar por ela,
Da engrandecer-lhe, de afinar-lhe a glória,
E honrá-la da opulência incorruptível;
Eu, que espontâneo dera o grau de nume
Por este, que exercito, augusto emprego
De escudar Lísia co pavês dos Fados,
Ó Penúria! Ó Ciência! Eu vos abono
Do ministro sem par, favor, e asilo.

CIÊNCIA

O Céu por ti se exprime: o Céu não mente;
Oráculo de Jove, eu te obedeço:
Vejo sorrir-se ao longe amigos Fados;
Guia-me, ó deusa.

HOSPITALIDADE

Guio-te à ventura.

CENA III

O Génio só

Tereis o galardão, tereis o louro,
Que à virtude compete, imota, ileisa
Entre os duros vaivéns de iníqua sorte:
Desgraçado o mortal, se o chão não trilha

Por onde a mão de Jove arreiga espinhos,
Que súbito depois converte em flores
Mas que ufano baixel retalha o Tejo!¹
Brincam no tope flâmulas cambiantes,
E cambiante bandeira as ondas varre!
Eis voa, eis se aproxima!... Um quase monstro,
De aspecto feminino, tigrinas garras,
De traje multicolor, lhe volve o leme!
Que turba enorme à sua voz mareia,
E o ferro corvo, e negro ao fundo arroja!
Desce a vaso menor a horrível Fúria
Reconheço-lhe o rosto, os fios lhe alcanço...
Lá vem, lá toca sobre a areia e salta.
Inimiga dos Céus!² És tu, profana!
Sacrílega, falas, blasfemadora,
Peste dos corações, órgão do Averno!
Vens também macular com teus venenos,
Com hálito infernal, e atroz sistema
Campos, que meu bafejo elísios torna!

LIBERTINAGEM

Órgão não sou do Averno, o Averno é sonho³
Para mim, para os meus; não sofro o jugo,
Que sobre corações tão férreo pesa.
Fantásticos deveres não me iludem;
O sensível me atrai, do ideal não curo,
Só de palpáveis bens fecundo a mente;
O bando, que alicio, e que prospero,
Vive em prazeres, em prazeres morre.
Compleição dos Catões, moral de ferro,
Fúria, Libertinagem me nomeia;
Mas o carácter meu destrói meu nome.
Delícias ao teu seio, ó Lísia, trago.
Não cruas opressões, nem agros males,
Que o fantasma Razão produz. maquina;
Eu sou a Natureza; ela não manda,
Que o gosto oprimas, que os desejos torças;
As paixões contentar, não é loucura:
Prestar-lhes atenção, vontade, assenso,
É lei, necessidade, e jus dos entes.
Olha: com ceptro de ouro impero, ó Lísia;
Franqueia o pensamento a meu sistema,
Despe imagens quiméricas, e aprova
Que a posse do universo em ti remate.

GÉNIO

¹ Aparece um baixel, de onde pouco depois desembarca a Libertinagem com séquito numeroso.

² Core para ela.

³ Sentimentos abominosos da Libertinagem, refutados vigorosamente pelo Génio da Nação.

Enganas-te perversa, os Céus a escudam;
De Lísia puro incenso aos numes sobe,
Arde em virtude, inflama-se na glória
Moral, religião, saudável jugo,
Que pesa aos ímpios, que aos iníquos pesa,
Nunca foi grave a Lísia; herói supremo,
Que é na Terra o que é Júpiter no Olimpo,
Aqui, não com violência, e não com arte,
Mas pelo exemplo morigera os Lusos,
Só menos que as deidades venturosos.
Não manches estes céus, tartáreo monstro,
Não corrompam teus pés o são terreno,
Onde jaz da Virtude e trilho impresso.
Eco da majestade, a voz te aterre
Do zeloso ministro infatigável,
Luceno, ao trono, às leis, aos deuses curvo,
Que, em vínculo fraterno atando os povos,
Os vê curvos ao trono, às leis, aos deuses.
Negreja, a teu pesar, o horror, que douras,
O Inferno, que não crês, de ti fumega,
E o remorso tenaz te róí por dentro.
Este povo de heróis, de irmãos, de justos,
Teu carácter maldiz, teu nome odeia.
Aparta-te daqui... mas tu repugnas!
Guerreiros da Virtude, e flor da Pátria,⁴
Que limpais a Moral de intrusa escória,
Eia, apurai o ardor centre esse monstro;
A vosso invicto esforço a Fúria ceda,
Do grémio da Inocência o Vício fuja.

LIBERTINAGEM

Não se alcança de mim vitória fácil.

GÊNIO

Satélites da Glória! Avante, avante!
A pérfida fraqueia, a palma é vossa.

LIBERTINAGEM

Colheste contra mim triunfo inútil:
Lísia perdi, mas senhoreio o mundo.⁵

CENA IV

⁴ Sai tropa armada, que trava peleja com os sequazes da Libertinagem e os vai destroçando.

⁵ Embarcam-se tumultuosamente, sempre acossados pela tropa.

O Génio e Tropa

GÉNIO

Graças, ó numes, sucumbiu a infame!
Heróis, eu vos bendigo o márcio fogo,
O rápido valor, que num momento
A melhor das nações salvou do estrago...⁶
Mas, deuses, sofrereis, que noutro clima,
Talvez à infâmia sua ignoto ainda,
Sobre o lenho orgulhoso aporte a fera,
E tóxico respire, o peste exale!
O sacrilégio pune: um raio, ó Jove,
Um raio a torne cinza, um raio abisme
O lígneo torreão no equóreo centro!...⁷
Anuíste-me, ó deus! É chamas todo!
Lá cai, lá se desfaz, e o Tejo o sorve!
Vai, monstro vai saber, desesperado,
Se é fantasma a razão, se é sonho o Inferno,
Vai no horrendo tropel dos teus sequazes
De momentânea flama a flama eterna;
E eu, ministro dos Céus, submisso aos Fados,
Vou por mão de um mortal encher seus planos.

CENA V

*Cárcere subterrâneo, onde os Vícios e os Crimes agrilhoados,
exprimindo variamente nos gestos a sua desesperação*

A Polícia com Guardas

POLÍCIA

Contra os vícios comuns, que pouco empecem
Exercer correcções não só me é dado.
Velai, guardas fiéis, sobre os perversos,
Que a Polícia remete ao zelo vosso,
Até que o raio Némesis dispare
Coa férrea voz de tribunal supremo.
Eu dos crimes terror, dos crimes freio,
A suplício exemplar, que sare a pátria
De ímpia contágio, reservo aquele
De todos o mais duro, o mais funesto,
Que, instrumento servil de atroz vingança,
Tingiu vendida mão no sangue alheio.
Ao cutelo de Astreia em vão furtaste

⁶ Vai-se a tropa.

⁷ Cai o raio sobre o baixel da Libertinagem e abrasa-o.

Colo rebelde às leis, ó tu, cruento
Lobo nocturno, que vibrando as garras,
A mansos cidadãos ouro, existência
De mistura usurpavas, sem que ao menos
Tremesse o coração, e as mãos tremessem,
Estes, mais que nenhuns, velar se devem,
Estes nas feias, subterrâneas sombras
Para o pavor da morte a mente ensaiem.
Eu, luz do bom Luceno, eu alma, eu tudo,
Corro entretanto, a sugerir-lhe ideias,
Com que os públicos bens floream, medrem.
A Ciência, e Penúria, antigas sócias,
Em seus lares por ele há pouco ouvidas,
O fértil patrocínio lhe imploraram.
Em lágrimas lhes deu penhor singelo
De firme protecção: vós, indigentes,
Seus efeitos vereis, vereis, ó sábios,
Que a mente e o coração por vós dividido.

CENA VI

(Salão majestoso da Polícia, adornado das estátuas de várias virtudes.)

GÊNIO

Eis-me na estância da Polícia augusta,
Cultora da razão, das leis, do sólio.
A titubante, a pávida Indigência,
Que já dos males seus alívio goza,
Por mão de benfeitor, que os Céus inspiram,
Vem coa Sabedoria honrar seu nome,
De materna gratidão sagrar-lhe os cultos;
Mas profundo respeito os pés lhe tolhe,
E o salão venerando entrar não ousam.

CENA ÚLTIMA

Os ditos e a Polícia, que, ouvindo as últimas palavras, sai de repente

POLÍCIA

Foi sempre este lugar franco à virtude,
Entraí.⁸

⁸ Entram as duas.

HOSPITALIDADE

Longe de vós um vão receio.

POLÍCIA

Cumpri vosso dever, tecei contentes
De Luceno o louvor, Matéria suma
As virtudes vos dão, que resplandecem
Em brilhantes estátuas majestosas
Neste brilhante, majestoso alcáçar.
Aquela, que risonha os olhos firma,
Como que rosto súplice atentando,
E a Benevolência, e diz no afago,
Que alguns, havendo a honra em mais que os lucros,
Ante duro ministro enfreiam preces,
E só do compassivo, e só do afável
A presença demandam, que os conforte,
Que ao rogo num sorriso o efeito augure,
E não de altiva injúria avilte o rogo.
Esta é o Exemplo, estoutra é a Inteireza;
Ali Fidelidade o jaspe anima;
Desinteresse além reluz, e avulta;
Mais perto voluntária Obediência
Curva o dócil joelho: eis as Virtudes,
Que formam, bom Luceno, o teu carácter,
Todas egrégias, necessárias todas.

CIÊNCIA

Verdade, e Gratidão nos lábios nossos,
Aprovam quanto soa em honra dele.

INDIGÊNCIA

Ó reinante feliz com tais vassalos!

POLÍCIA

Folga, Ciência e tu, Penúria, folga,
Dado me é recrear-vos, ser-vos guia
Ao Príncipe imortal, de quem reflectem
Raios de luz para o ministro excelso,
Que o seu mor prémio tem na régia glória.
Curvai-vos, e admirai o herói sublime,
Que Lísia adora, e que adorara e mundo,
Se o mundo todo merecesse olhá-lo.⁹
Vede a seus pés o magistrado insigne,

⁹ Abre-se o modo do teatro, aparece o retrato do Príncipe Regente com o Magistrado a seus pés, oferecendo-lhe os votos mais puros da nação.

Que nele se revê, que a bem da Pátria
A grandeza real submisso implora!

HOSPITALIDADE

Quanto a Virtude alteia a dignidade!

CIÊNCIA

Ó júbilo! Ó ventura!

INDIGÊNCIA

Eu pasmo, eu tremo!

GÊNIO¹⁰

Herói, sacro aos mortais, aceito aos nomes,
Olímpico fulgor compõe teus dias;
Os Céus na minha voz mil dons te abonam,
Com meus olhos teu povo os Céus vigiam;
O comércio por ti de fé se nutre;
As artes, a virtude, as leis triunfam;
No sólio, no poder tens base eterna;
Tua alma sobressai aos teus destinos;
E de teu puro arbítrio esse órgão puro,
É digna escolha tua, aos astros voa
No rasto de ouro, com que o pólo esmaltas.
Súbditos de João, rendei mil cultos
Ao grão regente, ao ínclito carácter,
Que nele diviniza a espécie humana:
A vos da gratidão se alongue em vivas,
E cordial ternura os lábios honre.

CORO

Ó luso herói! Baixaste
Da estância divinal!
Tu és um deus visível,
Ó Príncipe imortal!

¹⁰ Dirigindo-se para o retrato do Príncipe Regente.

Fragmentos Dramáticos

VASCO DA GAMA

OU

O DESCOBRIMENTO DA ÍNDIA PELOS PORTUGUESES

(Tragédia)

Actores: O SAMORIM; VASCO DA GAMA; ATAÍDE, oficial português, seu confidente; HARIL, príncipe de Cochim; O CATUAL, regedor de Calecut; ALMANÇOR, mouro opulento em Calecut; ALAIDA, filha do Samorim; CRESINTA, confidente da Princesa; MONÇAÍDE, africano; UM BRÂMANE.

A cena é em Calecut no palácio do Samorim.

ACTO I

CENA I

Almançor e Monçaíde

ALMANÇOR

Este estrangeiro audaz, que, desferindo
Por mar ignoto as temerárias velas,
Talhou de pego imenso as virgens ondas,
De serra em serra no Oceano horrendo;
Que, lidando coa morte, abriu caminho
Lá desde a foz do Tejo aquém do Ganges,
Trouxe de alta ousadia estranho exemplo,
E do grão Samorim surgiu nos mares;
Gama, que embaixador de um rei potente
Com vozes tão seguras se nomeia;
Aceso contra nós em ódio herdado,
Que de males dispõe aos Muçulmanos,
Que de males promete à Índia toda!
A constância, o valor 'té ali não vistos
Com que o mundo assombrou na grande empresa,
E as mil promessas vãs, que tece astuto
De interesses comuns, aparelhados
Ao povo português, ao índio povo,
Na alma do Samorim se insinuaram;

O iluso imperador dos Malabares
Nele presa um herói, e o bem do estado;
Em profícua aliança espera os frutos
Que do arteiro cristão lhe finge a astúcia.
Tem já três luas circulado o pólo
Depois que em Calecut os frágeis lenhos,
Vencedores das ondas aportaram:
Aqui de voz em voz correndo a fama
No espanto desde então se nutre e esforça;
Abjectos poleás, altivos naires
Com cego entusiasmo aqui proclamam
O forte Condutor dos nautas duros.
Deslumbrada nação, não vês, não sentes
Forjar-se ao longe, e retinir teus ferros?
Entranha na vindouro a conjectura:
Esses, cujas acções com pasmo aclamas,
São heróis do valor, não da justiça;
Hoje aliados, amanhã tiranos.
Acaso dentre as artes, dentre as honras,
Dentre o puro clarão de um céu risonho,
Dentre os mimos da pátria, a nós é vindo
Esse chefe arrogante, e seus sequazes
Não mais que a merecer durável nome,
Grau entro aqueles, que eterniza a glória?
Ah! Na glória a política se envolve;
Política feroz, que em paz maquina
O nosso cativo, nosso estrago;
Que espreita o modo com que lance o jugo,
Que ao triste Malabar transtorne os fados,
E que às outras nações daqui se alongue.

MONÇAÍDE

Na audácia, na política presumo
O génio português capaz de tanto;
Mas sofre mil obstáculos a empresa...

ALMANÇOR

Não duvides, Monçaíde; atroz mudança
Nosso estado terá, e o destes povos
Se tal gente, a prodígios costumada,
De África incêndio, horror da pátria nossa,
Aqui puder também vibrar seu raio;
A seita muçulmana então sucumbe,
Cai o influxo, o favor, cai a opulência
Que atendíveis nos faz perante o sólio.
Cumpre não desmaiar na cauta empresa;
Por esforços extremos se remova
A procela iminente às nossas fronteiras.

MONÇAÍDE

Praticados ardis, 'té agora inúteis,
Auguram pouco efeito a novas artes:
As torres, que a ambição vai surda erguendo,
Por braço experto, e para nós terrível,
À sombra avultam do poder supremo;
O incauto Samorim não vê futuros;
Ufano de esplendor, que lhe reflecte
Da embaixada de um rei temido, e grande;
De brilhantes quimeras encantado,
E mais de firme tom, que as fortalece
Nas vozes, no exterior de um homem raro,
Faustas ideias da aparência colhe.
Debalde o Catual, cuja avareza
Tesouros nos absorve insaciável,
Esperanças vendendo a preço de ouro,
Debalde tem mil vezes maquinado
Dos atrevidos nautas a ruína:
Se o poder, que do trono lhe dimana,
Se a pública, orgulhosa autoridade
Que exerce em Calecut esse, que priva
Tanto co Samorim, e o representa,
Eficazes não torna os teus projectos,
Porque de empresa vã não descorçoas?
De infalível tratando o contingente
Ao próximo regresso obstar desejas
Dos guerreiros varões, que odeias na alma,
E queres o seu fim, nas sua ausência:
Já prontos nos baixéis a pátria anelam,
Completa a comissão que a nós os trouxe;
Soltas em breve as temerárias velas
Tornarão a arrostar o horror profundo
Das negras ondas em que ferve a morte;
Cedo entregues ao vento, ao mar entregues
Esses, que temos, livrarão teus olhos
De seus feros semblantes importunos:
E quem sabe se e túrbido Oceano,
Que uma vez lhe sofreu a enorme audácia,
Agora mais indócil, mais soberbo
No horrível bojo sorverá com eles
ingentes, arriscadas esperanças?
Nem sempre o destemido é venturoso:
Da fortuna à desgraça o passo é curto...
Sim, Almançor: ao vento, ao mar, ao fado
Dêmos a empresa fácil de extingui-los.

ALMANÇOR

Monçaíde, o vento, e mar lhe obedeceram,
E que fiar não há no fado incerto.
Importa-nos seu fim, não sua ausência;
Não que, outra vez o pélagos afrontando,
Esses lenhos fatais no Tejo ancorem;
Não que o fruto de próspera ousadia
Émulo ardor provoque a renová-la,
E as artes multiplique, e apure as forças
Ao plano de política, e de glória,
Com que activa nação, que em si não cabe,
De seus curtos limites indignada,
Quer do último ocidente arremessar-se
Aos climas, onde o Sol dá luz primeiro;
E aqui, ou na extensão de toda a Terra
Projecta impor seu jugo, honrar seu nome.
Tolher-se a execução do plano infesto
É justiça também, não só proveito;
Apaguem-se as faíscas pouco acesas,
Que um vasto incêndio não remoto agouram:
Sempre exemplo feliz terá sequazes,
Nenhum, ou raros desgraçado exemplo.
Na alma do Samorim terror se infunda,
Que perigoso apreço em ódio troque:
Um só não fique ileso, um só não torne
Dos bravos, dos terríveis navegantes,
Que leve à pátria o miserando anúncio
Do aspérrimo castigo aos seus imposto:
Ou seja o cativo, ou seja a morte
Condigno prémio da ambição, que injusta
Sobre a nossa ruína empreende alçar-se.
Em trair um traidor não há vileza.
Mauritano, como eu, te cumpre, amigo,
Manear da vingança os instrumentos
Contra a feroz nação, que nos detesta,
Contra a feroz nação, que detestamos:
Recíproco interesse, a lei, e a pátria
Tal zelo, tal fervor de nós exigem.

MONÇAÍDE

O paterno destino acompanhando,
Bem sabes que de Tunes, pátria minha,
Aqui vim exercer, qual tu, qual outros,
Esta correspondência industriosa
De nação a nação, que as enriquece,
As pule, as encadeia, as fraterniza,
No câmbio do que ao luxo, à vida serve:
Sabes que um pai, de que venero as cinzas,
Proveitosa união me urdiu contigo
Nesta arte, que as fortunas amplifica

(Arte, que às vezes se desluz, se avilta
No ilegítimo ardil, no torpe engano,
Arte porém, que em mil dá culto à honra)
São interesses meus teus interesses,
Teus danos são meus danos, em virtude
Da aliança fiel por nós mantida:
Atalhar-se o progresso aos portugueses
Da glória, da ventura, que ambicionam,
A ti, e a mim convém, convém aos nossos,
Ao grande Samorim, e à Índia toda;
Embora estratégias se requintem
Se ainda tos depara a fantasia,
Para que de fadiga infrutuosa
Amargo desengano à pátria levem,
E obste a novas tenções tenção baldada;
Sanguinários porém, cruéis não sejam
Os meios que empregarmos; não se julgue,
Não digam que é vingança o que é justiça:
Que frouxos, incapazes de aterrá-los
Tentámos impiamente o desagravo
Do tanto e tanto mal, que têm sofrido
E que inda nossos climas sofrem deles.
Amo a pátria, amo a lei, sou muçulmano.
Mas odeio a traição, a astúcia infame,
Vícios que aos Africanos se atribuem;
A lei universal, a humanidade
Deve a todas as leis ser anteposta:
Este o meu sentimento agora, e sempre.

ALMANÇOR

Se a amizade, se a fé que em ti respeito,
Por longas exp'riências apurada,
Suspeitas naturais não rebatesse,
Namorado também te julgaria
Da acção, que teve as ondas por teatro;
Crera que a superfície te deslumbra,
E te não resta luz que indague o centro.
Se brilhantes acções têm fins odiosos,
Que vale o resplendor de acções brilhantes?
O heroísmo é razão; não há sem ela
Proeza que eternize, acção que afame:
E é da razão talvez, é do heroísmo
Ver mil horrores, abarbar mil mortes
Para tornar com arte, e com violência
Primeiro amigas, e depois escravas
Inocentes nações! a quem pusera
Procelosas barreiras o Oceano
Contra insana ambição, contra esse monstro,
Que as fauces lhe abre ao longe, e quer tragá-las?

A lei universal, a humanidade
Reconheço também, também pondero;
E, em pospor um só povo a muitos povos
Por ele iniquamente ameaçados.
Cumpro o sacro dever, que ufano alegas,
Além de sustentar a própria, a justa,
A grande causa onde omissões são crimes;
Onde...

MONÇAÍDE

O tom da suspeita, que em teus lábios
Soa injusto, Almançor, também é crime,
Antes delírio, que profana, insulta
A amizade, e a razão: que ardor, que zelo
Transcende o que até aqui mostrei na empresa
Por tão altos estorvos contrastada?
Se ao portentoso Gama, em cujos feitos
Admiro o herói, e o Português deteste,
Tenho captado a confiança amiga
Com público louvor, sagaz obséquio.
Teus conselhos segui; por teus conselhos,
E interesses da pátria, destes povos
A desvelo impostor forcei minha alma,
De meu livre carácter fui tirano:
O assombro involuntário, que me exprobras
(Apalpa e coração) tu mesmo o sentes,
O confessas tu mesmo: e quem pudera
Não senti-lo, Almançor, não confessá-lo?
Os novos Argonautas do Ocidente
Na façanha imortal têm já transposto
As metas do que é dado à Natureza:
Esse, que os dirigiu da glória ao cume,
Universal pregão merece à Fama;
Seu nome pelos séculos se estende,
Nem tu podes, nem eu, nem quanto existe
Negar-lhe a admiração, seu jus, seu prémio,
A admiração porém não tiraniza
Minha mente, capaz de refreá-la,
E ver pelo clarão do ilustre feito
Hórridas nuvens, que prometem raios:
Nossos intentos pois ao fim se levem,
Se possível nos for ao fim levá-los;
Mas arte seja tudo, e longe a força.
Além do Samorim não consideras
Que braço contraria os teus furores?
Vê do rei de Cochim o augusto herdeiro,
Vê o príncipe Haril como protege
(Também na alta façanha embelezado)
A causa desses homens destemidos;

E que para seu rei grata resposta
Gama do Imperador por ele obteve.
Na pompa, na grandeza deste dia
Atentado igualmente, as iras doma:
Hoje que o Samorim desposa a filha,
Que Alaida em prisão doce a Haril se enlaça,
Que o paço imperial oferece aos olhos
Requintado esplendor em honra às núpcias,
Respeitemos, amigo! respeitemos
O público prazer, e o do monarca:
Ousar-se neste dia acção, que o turbe,
Aos Céus, e à terra sacrilégio fora;
Bonançosa alegria hoje serena
Tumultos de paixão, que o peito abalam.
Depois...

ALMANÇOR

Absorto em lúgubres imagens,
Descuidei-me até'qui do grande objecto,
Que exige o mais profundo acatamento
A amizade, e o dever me gritam na alma
Que pese teus conselhos, que os abrace:
Estas agitações, o ardor que atento
Temperas coa razão, também tempero;
Um dia, um dia só, não mais que um dia
Forcem-se as ires a dormir no peito,
E colham do repouso alentos novos.
Ao Catual propor mais árdua empresa
Era o vasto projecto, era o destino
Que à morada real guiou meus passos;
Mas a proposição pede outro tempo,
E incentivo menor daqui me afasta.
Tu, Monçaíde fiel, prossegue entanto
Na cauta indagação dos pensamentos
Que o soberbo europeu talvez te esconde:
É para nossos fins um bom princípio
Sondarmos o inimigo, e ler-lhe na alma
O peso deste exame indispensável
Deponho todo em ti. Dissimulemos.¹¹

CENA II

MONÇAÍDE

¹¹ Estou certo que, se Bocage houvesse de dar esta peça ao teatro, evitaria o fastio de quase trezentos versos na cena de abertura: muito mais não envolvendo ela uma suficiente prótase: porém. aqui dá-se uma cópia do que primeiro lhe produziu a fantasia, e não ao que ele aprovou depois de reflectir no que imaginarei como bem claramente denota a imperfeição do seu autógrafo. (Nota de Pato Moniz.)

Africano implacável, não me iludes
Com essa de repente alegre face:
No silêncio forçado a raiva oprimes:
De afecto para afecto, e tão contrário
Não passa o coração num só momento.
Já parte do que eu sou presume o fero:
No extremo louvor, que transportado
Consagrei ao varão de heróis modelo,
Quase descortinou toda a minha alma.
Apesar de interesses tão sagrados,
Que meu carácter dobram, que o reduzem
À precisão do engano; – a ser no rosto,
A ser nas vozes parcial, e amigo
Do mesmo, que ódio eterno em mim provoca;
Do pérfido Almançor, o mais injusto,
O mais duro, e feroz dos muçulmanos;
Teu fervoroso amor, ó pátria minha,
Té'gora na violência represado,
Ia rasgando o véu, que encobre aos olhos
Meu ser, e o meu destino. Horríveis monstros,
Opressores cruéis, que arrebatastes
Aos braços maternos a minha infância;
Que no jugo do exemplo, e do costume,
Com sacras ilusões me alucinastes,
E, a minha alma cingindo a lei nefanda,
Fizestes (ai de mim!) que preferisse
Às luzes da verdade as sombras do erro:
Opressores cruéis, baldadas foram
A vossa tirania, as artes vossas:
Seus direitos num Deus em mim recobra;
Por veredas, que a mente humana ignora,
Aos meus, e a si me reconduz o Eterno.
Mas em que agitações, em que terrores
Meu ânimo flutua? Ah! Que terrível
Sombrio agouro o coração me enluta!
Que cenas de traição, de horror, de morte
No triste pensamento me negrejam!¹²

.....

¹² Eis aqui tudo o que me chegou desta tragédia, que Bocage levava ao fim do primeiro acto, que eu vi, e que ele me leu. (Nota de Pato Moniz.)

AFONSO HENRIQUES

OU

A CONQUISTA DE LISBOA¹³

(Drama heróico)

Actores: AFONSO HENRIQUES, rei de Portugal; GUILHERME, príncipe inglês; LIGEL, senhor flamengo; EGAS MONIZ, fidalgo português, e confidente de Afonso; ARNALDO, seu filho; ZAIDA, princesa moura cativa, ZELINA, sua escrava: ALMANÇOR, mouro; Oficiais portugueses e estrangeiros; Soldados.

ACTO I

CENA I

Afonso, Guilherme, Ligel, Moniz, e Oficiais

AFONSO

Famosos, destemidos companheiros,
Heróis, comigo afoitos à vilória,
Que o jugo sarraceno, o jugo infame
Ides com férreas mãos aniquilando;
Tu, digno irmão do inglês monarca,
Magnânimo Guilherme, e tu, brioso
Intrépido Ligel, do Flandres glória;
Varões, que nos baixéis aparelhados
Contra o fero Opressor dos santos lares,
Da cativa Sião contra os tiranos,
Por alta providência aqui surgistes
E, de um Deus abraçando a causa excelsa,
As palmas do Jordão colheis no Tejo;
Amigo do teu rei, da pátria tua,
Insigne português, Moniz preclaro,
A quem o antigo esforço as cãs não murcham;
A quem da trabalhosa, o crespa idade
Vivo ardor marcial derrete o gelo;
Herói, que de culto herói te vês herdado;

¹³ A Bocage esqueceu-lhe designar o lugar da cena, assim como no andamento do drama lhe esqueceram muitas rubricas, que na leitura facilmente se dispensam, mas que lhe eram essenciais quando houvesse de o fazer representar; porém os leitores, nestas poucas cenas que existem claramente acharão indicado que o lugar de todas elas era o acampamento português. (Nota de Pato Moniz.)

Que ao filho transmitiste o raro alento,
E no mancebo Arnaldo a fama estendes
Do grão tronco, de que és egrégio ramo:
Chefes invictos, férvidos soldados,
Em vão do mouro adusto a resistência
À nossa grande empresa o fim retarda;
Debalde tem sustido há cinco luas
O rápido furor das nossas armas;
Tenaz oposição dobra o triunfo;
Na lida, no suor se nutre a glória;
Lisboa cederá, verão seus muros
De um assalto geral o efeito ilustre:
Esses templos sacrílegos, aonde
Adorando-se um Deus, um Deus se insulta,
Hoje, por dignas mãos purificados
Do culto, dos incensos da impostura,
Serão dos nossos votos sacro asilo,
Do Deus de nossos pais estância augusta
Não, para vos dispor ao feito heróico,
A façanha cristã não necessito
De excitar, sócios meus, na ideia a imagem
Do que vistes heróis, do que fizestes
Nos márcios campos do espantoso Ourique:
Duros netos de Agar além bramindo,
Imensa multidão enchia os vales,
Cobria as serras, esgotava as fontes;
O trucolento Ismar dos seus na frente,
De quatro escravos reis obedecido,
Amotinando os céus com grita horrenda,
De olhos fitos em nós, como os emprega
Esfaimado leão na fácil presa;
Nós de aquém, turba escassa, mas terrível,
Confiados no Céu, na fé seguros,
De um Deus na protecção, na glória acesos,
Com fero encontro os ímpios arrostando,
Abrindo, o desfazendo escudos, malhas,
Dando tostadas vítimas à morte,
De espíritos brutais o Inferno enchendo,
Sentindo rebentar aos nossos golpes
E ir pela rubra terra o sangue em ondas;
Os bárbaros pendões do chão dispersos;
O estrondo, a confusão, o horror, o estrago
Por aqui, por ali; montões de mortes;
Anjo exterminador, núncio do Eterno,
Sobre as frentes dos prófugos troando,
Sopesado na mão raio invisível,
Com formidável ímpeto espargindo
Por entre os infiéis total derrota!
Este quadro, esta ideia, altos guerreiros
Necessária não é para incitar-vos:

Temos o mesmo esforço, as mesmas armas;
O Deus, que nos valeu, nos vale ainda;
O que fostes sereis: Lisboa é nossa.

GUILHERME

Afonso nos comanda, e do triunfo
É decisivo anúncio a voz de Afonso:
Calcaremos aos pés o orgulho insano
Do agareno infiel; naqueles muros
Nossos pendões, senhor, verás alçados.
Inda a luz da manhã não doura os ares:
Antes que raie a aurora, e se efetue
O vigoroso assalto, que aparelhas,
Nós veremos talvez o afouto Arnaldo,
O meu prezado amigo aparecer-nos,
Volver aos arraiais com palma insigne:
O bárbaro tropel, que em seu auxílio
Chama o duro opressor da grã Lisboa,
Talvez, egrégio rei, já tenha sido
Do braço português servil despojo.
De Arnaldo a condição ferosa, e pronta
Só se contenta em rápidas vitórias;
Demoras no vencer lhe são desdouros:
Sabido o seu valor, e o seu carácter
Voluntário cedi ao caro amigo
O que a ninguém cedera, o mando honroso
Da generosa empresa, a que é tão próprio:
Meus votos, meus desejos o aceleram,
E como que já sinto o som guerreiro
Núncio do meu pesar, da glória sua.
Apenas entre nós o moço ilustre
Do sublime esplendor brilhar c'roadado,
Fadigas a fadigas agregando,
Então, grande monarca, aos inimigos
Levemos o terror, a chama, o ferro.

MONIZ

Na demora, senhor, se apura, e cresce
O fogo marcial de teus soldados;
Seus olhos devorando aqueles muros,
Há muito de assaltá-los, de invadi-los
O momento, o sinal com ânsia pedem:
Mas eu, súbdito, e pai, bem que anteponho
A glória do meu rei à de meu filho,
Conciliar dois títulos quisera
Para o meu coração de tanta estima:
Quisera merecer ao meu benigno
Generoso monarca a complacência

De retardar o assalto alguns momentos,
Para que o filho amado, em quem reflecte
Meu zelo, meu fervor, minha lealdade,
Associar-se possa em nova empresa
A seu rei, e a seu pai; não sinta Arnaldo
O pejo, e dissabor de ver-se inútil
Na mais brilhante acção, que os Céus nos guardam.
Às vezes, prolongando-se-lhe o termo,
Projectos dos heróis se desconcertam;
Bem sei, mas são de heróis, que só se estribam
No rápido valor, na mente astuta;
Não de heróis, como tu, do Céu validos,
Em que é fado o triunfo, herança a glória.
Verificado está quanto prefiro
Na celeste visão, que honrou teus olhos,
Lá quando a divindade o véu despindo,
Esse véu sacrossanto, impenetrável
Que a recata de nós, à face tua
No lenho redentor se fez patente;
E, travando contigo alta aliança,
As insígnias te deu, te deu e império.
O teu jus a vencer quem há que o vede,
Depois de o conferir o Omnipotente?
Alguns momentos mais, que a fúria prendam,
A fúria dobrarão depois de solta.

AFONSO

De sólidas razões ceder se peso
É justiça, é dever; é recompensa
Do generoso ardor de um pai, de um filho
Tão úteis se seu rei, tão dignos dele:
No que sou moralmente, o fruto vejo
Da tua educação, dos teus desvelos:
Meus passos dirigiste à glória, ao trono;
Vive esta ideia em mim; sou rei, sou grato...
A gratidão num rei também se encontra.
Suspenso fique embora alguns espaços
O assalto estragador do mouro infando;
Esperemos Arnaldo, Arnaldo aumente
Nos duros torreões o duro embate,
E no sangue infiel de novo ensope
A cortadora espada irresistível;
Goze... mas que rumor não bem distinto
Ressoa em meus ouvidos E... Não me engano,
Sinto que se aproxima a cada instante...
Talvez... Parte, Ligel, inquire a causa
Do súbito ruído; este alvoroço
Que me revolve o peito, e que me inflama,
É presságio feliz.

LIGEL

Corro a servir-te.¹⁴

MONIZ

Paterno coração, como palpitas!
Não mentes, não me iludes: eis meu filho.
Ah! Permite, senhor, que eu...

GUILHERME

Não; detém-te,
Cede à minha amizade o grato exame;
Eu vou... porém que vejo? Arnaldo? Ó glória!

MONIZ

Filho...¹⁵

CENA II

Ligel, Arnaldo, e os precedentes

ARNALDO

Meu rei, vencemos!... Foi teu nome
Princípio de triunfo portentoso,
E a nossa intrepidez foi seu remate:
O mouro usurpador, cedendo o campo,
Fiou dos leves pés um débil resto
Do exército feroz, que jaz por terra.
Com que prazer, senhor, com que transporte
Teus guerreiros magnânimos travaram
O conflito mortal, que os fez eternos!
Fervor de antecipar-te o ledó aviso
Fez com que eu precedesse a marcha sua;
Mas em breve os verás: em breve às plantas
Do nosso digno rei virão depor-se
As bandeiras ao bárbaro arrancadas,
As armas, os troféus, os prisioneiros.
(Tu murmuras, amor! Ah! Sofre, e cala.)

AFONSO

Tuas clamas acções, mancebo ilustre,

¹⁴ Vai-se.

¹⁵ Nada mais achei pertencente a esta primeira cena. (Nota de Pato Moniz.)

Já te vão franqueando a eternidade;
Na classe dos heróis lugar te assinam.
A modéstia gentil de que te adornas
Suprime a narração da glória tua;
Mas o teu rei, que te ama, e que te admira,
Da tua vos exige as circunstâncias
Do feito denodado em que luziste:
Fala pois, o triunfo se renove
Pela boca do herói, que o fez completo.
Dignamente de ti falar tu podes:
Tem direito a louvar-se o que é louvável.

ARNALDO

Mais por obedecer ao teu preceito
Que para me exaltar, para exprimir-te
A justa execução de meus deveres,
Te figuro, senhor, o atroz combate.
A dar pronto socorro àqueles muros
Torrados esquadros se arremessavam
Com bruto ardor, com hórrido alarido:
Eis em longa planície os avistamos
Por entre o denso pó, que vai subindo
Do chão revoltado; e súbito inflamados
Os teus, em cuja frente me abalanço,
Ao sinal, que lhes deu, vozeiam, correm;
Com fervoroso espírito proferem
Em terrível clamor: — «Afonso! Afonso!»
E aos bárbaros se arrojaram num momento:
Levanta a chusma vil mais altos gritos;
E, com desprezo o número notando
Tantas vezes menor, que se lhe arrosta,
Já divido entre si nossos despojos;
Mas a imaginação decai no efeito:
Ao princípio, senhor, dum lado, e doutro
A vitória pendeu como indecisa;
Mas, crescendo o furor na resistência,
Depressa o português arrebatado
A causa decidiu, desfez o enleio;
Espadanas de sangue a terra ensopam;
Voam braços, cabeças, fervem mortes;
Num teatro de horror se torna o campo;
Parece transferir-se ali o Inferno!
Enfim terror geral, geral destroço
Na fuga aqui, e ali semeia, espalha
As relíquias do exército nefando:
Algum tempo implacáveis o acossámos,
Unindo em muitos peitos morte, e medo;
Mas, fartos de matar sem resistência,
Vendo que sé no risco existe a glória,

A fúria suspendemos; e voltando
Aos nossos arraiais com mil despojos,
Buscámos, conseguimos, grão monarca,
No teu contentamento o prémio nosso.

AFONSO

O meu prazer não só, também meus braços
Devem ser galardão do que te escuto.
A tens nobres extremos costumado
Meu coração previu teu lustre novo:
Venturoso de um pai, que em ti prolonga
A moral duração melhor que a vida!
É júbilo sem par vemos que brilham
Mais que nossos avós os filhos nossos.
A Moniz este júbilo compete,
O heroísmo, que herdou, por ti se apura.

MONIZ

Dos braços do teu rei já foste honrado,
Está já satisfeita a glória tua;
Satisfaz também o amor paterno:
Vem, abraça teu pai, banha este rosto,
Banha estas cãs de lágrimas suaves,
Lágrimas da alegria, e da ternura.
Seus frutos produziu minha esperança,
Qual ver-te desejei te vêem meus olhos;
Férreo sono da morte embora os cerre,
Em ti deixe um herói, contigo ficam
Meu sangue, meu fervor, meus sentimentos,
E um braço mais funesto aos inimigos,
Mais prestadio à pátria. Amado filho,
Falece a voz, o coração não pode
Com tão novo prazer; e, a ti correndo,
Nas lágrimas, que verto, se derrete.

ARNALDO

Doutrinado por ti, do ti nascido,
Que menos pela pátria ousam pudera?
Graças envio aos Céus por ver-me digno
Da tua educação, dos teus extremos,
Do herói, do pai, que ao longe imito apenas.
Mas permite, senhor, que se dividam
Também pela amizade os meus afectos;
Que do excelso varão, que me honra tanto,
O bem da gratidão nos braços goste.

GUILHERME

Herói, fruto de heróis, eu te esperava
Como sempre te vi, qual és, qual foste.
Une a mão vencedora à mão do amigo,
Que não menos que tu teus louros goza.

AFONSO

As bélicas trombetas perto soam:
Logremos o espectáculo pomposo
Dos guerreiros cristãos, em quem revive
Da antiga Lusitânia o bravo esforço.
No adequado louvor comece o prémio
Das ilustres fadigas, que os afamam:
Multiplica os heróis louvor, e exemplo.

MONIZ

Eis, senhor, teus intrépidos soldados,
Que, afeitos a vencer, trazem no rosto
Para os triunfos seus desdém sublime:
Vê como nas guerreiras, crespas fronte
Da glória do seu rei brilha o reflexo.¹⁶

AFONSO¹⁷

Redentores da pátria, ah! Vinde, vinde
Em nossos corações dobrar o alento,
O alento executor de altas façanhas.
Vossos terríveis braços, despedindo
Inevitáveis golpes, vos granjeiam
Memória perdurável, fama eterna:
Aos estragos do tempo, às leis da morte
Império não consentem vossos nomes:
Quais vos vejo brilhar, quais sois agora
Ireis luzir nos séculos vindouros:
O clarão das acções, que a terra espantam,
Rompendo a névoa da remota idade!
Aos tardos, animosos descendentes
De heróica emulação será fomento;
Unido ao vosso exemplo e sangue vosso
Heróis produzira, que heróis produzam;
Série pasmosa de varões sublimes
Dareis ao mundo; morrerão com ele:
Acesa a fantasia o diz, o augura:
Nada menos que vós de vós se espera.
Ide em curto repouso aparelhar-vos
Para novo esplendor, fadigas novas.

¹⁶ Vão passando os soldados.

¹⁷ Saindo com os oficiais ao campo a encontrá-los.

Tu, Moniz, me acompanha: os meus projectos
Pela exp'riência tua aperfeiçoo.
Tu, príncipe, depois que saciado
Houveres da amizade os sentimentos,
Livramento abraçando o caro amigo,
Teus guerreiros fiéis dispõe, e ordena
Para o fêrvido assalto.

CENA III

Guilherme e Arnaldo

GUILHERME

Em teu semblante
Transluz a viva dor, que tens no peito:
Arde a paixão fatal, que em vão disfarças.
Mísera condição da humanidade!
Dure mortal, que arrosta o ferro, a morte,
Ante uns olhos gentis desmaia, e treme!
Vencer não pode a si quem vence a tantos:
Mais que o furor de exércitos cruentos
Ousa fraca mulher com pranto, e riso!
Por culpa de atractivos sedutores
Entre tanta ventura és desditoso:
De uma insana paixão tiranizado,
Cego escravo de amor, somes, apagas
Nas sombras da tristeza a luz da glória.
Desgraçado mancebo! Ah! Nunca vissem
Teus olhos o danoso, infausto objecto
Que a vontade te encanta, e senhoreia!
Nunca das mãos dos seus arrebatasses
Essa dos males teus formosa origem,
Veneno por mil graças adoçado!

ARNALDO

Veneno ao coração, veneno aos olhos,
Veneno que me encanta, e me repassa
Que mil vidas me dá, me dá mil mortes.

GUILHERME

Ó céus! Tu português, tu responsável
De assombrosa virtude a Deus, e à pátria.
Da lei, que segues, a inimiga adoras!
Zaida, prole de Osmin, prole de um monstro,
De um tirano infiel, reina em Arnaldo!

Reina em ti, num cristão! E o despotismo
De bárbaro opressor, que em férreo jugo
Entre aquelas muralhas tem ligados
Os teus irmãos, os teus compatriotas,
Da filha pela mão também te abrange!...
Ah! Torna, torna em ti; combate, e vence
O criminoso ardor que te alucina:
Tome que inúteis ais, 'té aqui somente
Da causa do teu mal, de mim sabidos,
Levem teu desacordo, e teu deslustre
Aos ouvidos de um pai, de um rei, que te amam.
Diversos interesses, leis diversas,
Ódios herdados, a justiça, a pátria,
O teu dever, e um Deus teu gosto impugnam:
Que esperas, infeliz, de tais excessos?
Que esperas desse amor?

ARNALDO

Que espero? A morte,
Do lúgubre sepulcro a paz, o asilo.
Santa religião, se tu não foras,
Se os decretos de um Deus me não vedassem;
Se outro estorvo não visse às fúrias minhas
Mais que o geral horror da Natureza,
Na presença de um termo inevitável;
Se da cega paixão no labirinto
Um resto de razão me não luzisse;
Se de Zaida ao poder não se opusera
A voz da carrancuda Eternidade,
Já de sangue, que ferve em minhas velas,
Mortífero punhal tingido houvera.
Não me esquece o dever, a lei que adoro;
Sou cristão, português, e herói seria
Se mais forte que Arnaldo amor não fosse.
Eu me envergonhe (ó céus!) eu me horrorizo
Do estado a que a paixão reduz minha alma!
Sei que é labéu, fraqueza, injúria, crime
Este affecto, este ardor; que sou por ele
Rebelde ao culto meu, e à pátria minha;
Pejo, remorso, amor comigo lutam,
Mas sempre no combate amor triunfa.
Senhor dos corações, Ente supremo,
Ah! Porque tão sensível me formaste?
Em vez de um coração tenho um verdugo!
Forças contra as paixões nos foram dadas,
Pode mais a razão que a simpatia,
E aquela me abandona, e cedo a esta!

GUILHERME

Defesa não lho opões, domar não queres
O fatal sentimento; ele é vencível,
Mas cumpre que a virtude esmere as forças
Na empresa não vulgar: se resistisses,
Desse inimigo interno a palma houveras.

ARNALDO

Que bruto, férreo peito resistira
Ao suave atractivo, ao doce pranto
Que nos olhos da Zeida me encantaram?
Parece-me (ai de mim!) que ainda a vejo,
Quando armados os seus a conduziam
A distante lugar, seguro asilo
Longe dos muros, que rodeia a morte:
Parece-me que a vejo, ao repentino
Encontro com que a fuga lhe estorvámos,
Estremecer, gritar, cair por terra,
E em breve de cadáveres cercada,
Tinta do sangue alheio, e sempre bela
Com seus olhos dourar o horror da morte!
Ah! Quando absorto, extático, sem fala
Em meus braços a ergui do chão sanguento,
Furor, consternação, gentil mistura
De contrários affectos, em seu rosto
Honrava, ou transcendia a Natureza!
«Cristão (Zaida clamou) sou tua escrava;
Meu negro fado e quis, mas não profanes
Uma infeliz princesa, uma donzela,
Uma filha de Osmin; entre inimigos
Exista ao menos da virtude o laço:
Tua religião te impõe deveres
Quais a minha me impõe, quais se derivam
Das generosas leis da humanidade.»
Ouvi-a, e transportado às plantas suas...

GUILHERME

Para que estás cevando o pensamento
Nessa imagem fatal, que mais te afunda
No abismo da paixão? Bem sei; mil vezes
Repetido me tens o lance infausto,
Que decidiu tão mal de teu destino:
Teu valor, teus respeitos excitaram
Na bela prisioneira amor fervente,
Mais forte que o dever, que as leis, que o sangue:
Todo sei, triste amigo, e tudo tomo
Do funesto poder de que és escravo,
Condeno-te cristão, homem te choro.

Agras exprobrações nascidas foram
Não de meu coração, mas do meu zelo;
Relevar teus excessos é perder-te:
Luta, luta contigo; ou tarde, ou cedo
Paixões fenecem como tudo acaba:
Cuida em acelerar triunfo insigne;
Do objecto, que te inflama, evita os olhos;
Árdua, cruel, penosa é esta empresa,
Mas digna de um herói por ser tão dura:
Teu coração se aveze à triste ausência;
Não gastes do teu mal, não vás nutri-lo
Perante as perfeições que o produziram:
O costume de amar cativa, e cega
Os frágeis corações a amor propensos;
Roto o jogo ao costume, o peito enrija,
E a custe se recai num louco afecto.

ARNALDO

Príncipe generoso, em teus conselhos
A singela amizade está brilhando;
Vejo o preço em que tens a glória minha;
A voz de alta virtude incontrastável
Ouço na tua voz, porém que importa?
Conhecer a razão sem abraçá-la
Inda é mais triste que existir sem ela.
Ah! nem goze o prazer de alucinar-me!
Reconheço-me réu, confesso o crime,
Não me sinto porém capaz da emenda.
Mil pensamentos entre si contrários
Na minha alma em tropel combatem, fervem;
Qual negro turbilhão, que agita os ares,
Todos, todos de chofre me salteiam:
Mas, despojo infeliz de atroz conflito,
Detesto o meu amor, e adoro Zaida.
Cessa pois, claro herói, piedoso amigo,
Cessa de apresentar-me o quadro feio
Dos desatinos meus, da minha injúria;
Há-de em breve apagá-lo a mão da morte;
Em breve arremetendo àqueles muros
Donde brotou meu mal, farei que brote
Meu sossego, meu fim: por ferro, e fogo
A desesperação nadando em sangue
Minha alma arrancará de meus tormentos;
Soberbos torreões caindo em terra
Sufoquem meu furor, meu corpo esmaguem;
Nos horrendos montões de altas ruínas
Se escondam para sempre a dor, e o crime
Do um mísero mortal, de um cego escravo
Desse encanto, a que chamam formosura.

Outros pereçam vítimas da glória,
Eu vítima de amor: tal é meu fado;
Não posse resistir-lhe: em vão me acodem
Heróicos, arrojados pensamentos
Ludíbrios da paixão que os desbarata.
Minha acerba catástrofe ressoe,
Gire de voz em vez minha desgraça,
A causa lastimosa, o triste efeito:
Se aplaudido não for, serei chorado.
Morrer é pouco, é fácil; mas ter vida
Delirando de amor, sem fruto ardendo,
É padecer mil mortos, mil infernos.
Existir sem ver Zaida! Ah! Não, não posso
Concordar tanto mal coa existência:
Somente o mudo horror da sepultura
Entre nós erguerá barreira eterna.

GUILHERME

Que preferes, ó céus! Que desvario
Te ocupa o coração, te abrange a mente!
Infeliz, em que trevas, em que horrores
Tão longe da razão te vás sumindo!
Voluntário dispões sacrificar-te
Ao frenético amor que te arrebatava?
Teu pai, teu rei, teu Deus bradar não sentes
Dentro do coração, e a Natureza
Sacros direitos seus perdeu contigo?
Quê! Disseste, afirmaste que o sublime
Título de cristão só te era estorvo
Ao suicídio feroz, só te arredava
Do amargurado peito agudo ferro,
E assim te contradizes! E rompendo
As leis universais as leis mais santas,
Tentas, projectas espontânea morte!
Lançar mão de um punhal, ou de um veneno,
Ou maquinar teu fim por outro modo
Igual crime não é? Não desacata
A Natureza, os Céus da mesma sorte?
Teu nome, que até aqui guardaste ileso,
Queres manchá-lo de indelével nódoa?
Ah! Jura pelo Deus a quem sagraste
Teu braço, teu valor, teu ser, teu zelo,
jura de abrires mãe de atroz projecto;
De respeitares a existência tua,
Enquanto aos Céus, co heroísmo, à pátria
Necessário não for teu sacrifício.
Lembre-te o grão dever com que nasceste;
Atenta no imortal, paterno exemplo;
Ou inda mais ao longe estendo os olhos:

Venerandos avós, do que procedes,
Nos túmulos erguendo honradas frentes,
Te contemplam de lá, de lá te exclamam:
«Não fujas dos vestígios que trilhamos,
Do sangue dos heróis não degeneres;
Prossegue, aperfeiçoa e vasta empresa
A que os Céus te encaminham; doma, expulsa
Do peito um criminoso amor, que o mancha,
Da pátria os infieis usurpadores,
Que em bárbara invasão a agrilhoaram:
Tua religião, teu Deus to ordenam:
Restaura o culto Seu, e os Seus altares;
Da vil superstição derriba os templos:
Como os teus ascendentes vive, e morre.»
Eis o que eles te dizem: dá-lhe ouvidos,
Seus ditamos adora.

ARNALDO

Ó pejo, ó fúria
Em dois o coração se me reparte,
E nas tristes porções, que a dor lhe arranca,
Terríveis sentimentos me atassalham.
Ah! Mil vezes morrer não é mais doce
Que este mal, que este horror, que este refluxo
De encontradas paixões com que deliro?
Ah...

GUILHERME

Cessa; para nós dirige os passos
Não sei quem: prende os ais, compõe o aspecto,
Recata o frenesi, que te deslumbra.¹⁸

CENA IV

Um Oficial português, e os mesmos

O OFICIAL

Enviado de Osmin chegou ao campo
Almançor, entre nós bem conhecido
Pelo audaz coração, e o fere orgulho;
A audiência, que pede, o rei lhe outorga,
E no régio pavilhão convoca os chefes:

¹⁸ Esta terceira cena, não obstante ser longa, não dá fastio; e julgo que pouco se lhe deveria omitir: Guilherme tem verdadeiramente o carácter de um sisudo amigo; e Arnaldo o de um herói mancebo, alucinado pelo amor. (Nota de Pato Moniz.)

Por ti, senhor, e por Arnaldo espera.

GUILHERME

Ambos já te seguimos: vai. Reflecte¹⁹
Que a tua agitação trair-te pode
Diante de olhos mil em ti pregados:
Afectado o sossego ao menos leva
À presença do rei, que te honra, e chama.
Vemos.

ARNALDO

Ah! desta sorte, acesa a face
Do pejo, e da paixão, terei o esforço
Do ir contigo, senhor, de apresentar-me
Num congresso de heróis, quando o deslusto
Quando a minha fraqueza é dele indigna?
O remorso talvez, suprimindo as vozes,
Pela perturbação dirá meu crime.
Ah! Salva deste lance o triste amigo,
Urde ao menos, ó príncipe, um pretexto
Que a demora me honeste, e deixe espaço
Para ver se granjeio algum repouso,
Abafando a tormenta em que flutuo.
Vai, senhor, que eu te sigo! Um só momento
De solidão te roga a minha angústia.

GUILHERME

Na solidão requinta-se a tristeza;
Se a dor se comunica, a der se abranda;
Mas, pois o queres, fica: estes momentos
Em serenar-te, amigo, eia, aproveita.
Fujam teus olhos, teus sentidos fujam
Do perigoso objecto que os enleia;
Entanto co teu rei vou desculpar-te:
Não tardas em seguir-me; heróico esforço
Dos laços da paixão desate a glória.

CENA V

ARNALDO

Que farás, coração? Que lei, que jugo
Te dispões a sofrer? O amor, e a honra
Proíbe o fado meu que em ti se ajustem:

¹⁹ Vai-se o oficial.

Se à honra me submeto, amor suspira;
Se para amor propondo, a honra clama.
Que transe tão cruel! Que alternativa!
Que horror!... Zaida perder! Perder a glória!...
Sem esta, o sem aquela odeio a vida...
Mas hei-de a cego amor sacrificar-me
Quando de mim carece a pátria minha?
Hei-de murchar viçosas esperanças
No coração de um pai tão bem plantadas?
Hei-de retroceder, hei-de apartar-me
Da estrada que seguiu, que segue ainda,
C'roando honradas câs de honrados louros,
Da curva idade repelindo o peso?
'Té agora fervoroso após seus passos
Terei corrido em vão? Farei que aborte
O grão projecto de ombrear com ele,
Glória que longe no futuro olhava?
Será seu filho, ó céus! o sou deslustre?...
Não, vós me acudireis, em vós espero,
Honra, pátria, virtude. Ah! Eu vos sinto,
Vós me inflamais a ideia: amor não pode,
Não pode o fero amor desarraigá-los
Do coração de Arnaldo: é inda o mesmo,
É capaz de vencer-se: e... Deus eterno,
Que objecto me apresentas!... Zaida, Zaida...
Honra, pátria, virtude, ah! eu vos perco.

CENA VI

Arnaldo, Zaida e Zelima

ZAIDA

Salve, grão vencedor dos Muçulmanos,
Glória, e flor dos cristãos, de heróis modelo,
Impávido guerreiro... e frouxo amante,
Já no sangue dos meus fartaste a sede?
Ou teu negro furor mais sangue exige?²⁰

.....

²⁰ Este drama tinha findos três actos e era talhado para cinco; mas nem ao menos vemos acabado o primeiro, que fechava com esta sexta cena, jogada entre Arnaldo e Zaida; e que me pesa de não aparecer, porque era belíssima, e nela combatiam todos os affectos contra todos os deveres; pois que eles reciprocamente se amavam com extremo, conhecendo que este amor era condenado petos interesses da sua lei, e da sua nação. Esta cena de *per si* era bastante extensa, mas devia-o ser; e junta com as demais, fazia o acto desmesuradamente grande; porém ao menos era (como poucos) uma perfeita exposição de todo o enredo; e, se Bocage lhe deitasse a lima, ele ficaria em tudo perfeitamente regular. (Nota de Pato Moniz.)

O HERÓI LUSITANO

OU

VIRIATO

(Tragédia)

Actores: VIRIATO, chefe dos Lusitanos; ELÂNIA, filha de Viriato; CRESINTA, confidente de Elânia; SERVÍLIO, tribuno romano; FLÁVIO, centurião; AULACES, um dos cabos do exército lusitano; MINURO, chefe dos Calaicos; ASTIR, oficial no exército lusitano.

A cena figura-se nos arraiais de Viriato.

ACTO I

CENA I

Servílio e Flávio

SERVÍLIO

Eis, Flávio, os arraiais dos Lusitanos:
Paremos um momento a contemplá-los.
Ali de Viriato, ali de um chefe
Destemido, ilustrado, infatigável
Contra os fados do Tibre impera o Génio.²¹

.....

Este da Natureza horrível fruto,
Guerreiro, que respira, anela estragos,
A quem no duro ouvido alegres soam
Os baques de amplos muros, de árduas torres;
A quem da Humanidade é glória o pranto,
E são música os ais, e o sangue é néctar;
Execrando mortal, cruento infrene,
Que, na voz o trovão, na dextra o raio,
Brama sumido em pó, sumido em fumo,
E rios o suor, e os olhos brasas,
E brasa o coração, que as Fúrias sopram,
Por entre esquadras cem vai solto em mortes.²²

²¹ É quanto acho desta primeira cena, que abria excelentemente declarando logo o lugar dela, e dando ideia da acção. (Nota de Pato Moniz.)

.....

Comando heróis, sou Viriato, e posso
De pátria, da razão levar o esforço
Além dos Pirenéus, além dos Alpes:
Em nova Trébia, em novo Trasimeno
Do Tibre inda talvez baqueie a glória;
Com outro Viriato à testa os Lusos
Lá de sangue, e terror mancharam Roma:
Na Itália, como aqui, já sabe o mundo
Que vós, filhos de um deus, também sois homens,
Ou que os homens então venceram deuses.²³

.....

²² Esta fala não sei a que acto, nem a que cena pertence, nem quem a declama; presumo que seria um dos dois traidores Aulaces, ou Minuro; porque o terceiro traidor, e assassino de Viriato não foi Astir, que entra em cena, foi Dictaleão, que não entra; porque tais frases só podem aqui entender-se contra Viriato, e só as pudera proferir um seu acérrimo inimigo; e finalmente porque julgo que não convém na boca de Servílio, nem de Flávio, romanos, que usavam falar com dignidade dos seus grandes inimigos, e mais estes, que logo na abertura da cena prorrumpem em elogios ao herói lusitano.

²³ Estes versos claro está que os recita Viriato, mas também não sei em que acto, nem em que cena, nem é possível que me lembre depois de tantos anos; mas estou bem certo que desta tragédia, ordenada para cinco actos, havia dois finalizados, e que estes tenuíssimos fragmentos dão bem que sentir-lhe a perda. (Notas de Pato Moniz.)

EULÁLIA
OU
A VINCANÇA DE AMOR

(Tragédia)

Actores: RAMIRO, rico-homem; MATILDE, contratada esposa de Ramiro; ARNALDO, amante de Eulália; JAIME, velho, pai de Eulália; EULÁLIA; ANTERO, confidente de Ramiro; ELVIRA, aia de Matilde; Servos de Ramiro; Povo.

A cena finge-se no solar de Ramiro, numa das províncias do Norte.

ACTO I

CENA I

Ramiro e Antero

ANTERO

Teu lúgubre silêncio respeitando,
Até agora, senhor, não tenho ousado
Sondar a interna origem da tristeza
Expressa nos teus olhos... Quê! Ramiro,
O sangue dos heróis, o descendente
De Moniz, em virtude, em glória, em armas
Insigne mestre do primeiro Afonso;
Tu, que és aceito ao rei e à pátria aceito,
Que às hostes do Agareno hás sido um raio;
Tu grande, tu feliz, que em ti reúnes
Os dons da Natureza, os dons da Sorte;
Que, mimoso de amor, esposa tua
Verás em breve a singular Matilde,
Da corte portuguesa esmalte, ornato,
Inveja de altas damas, que atavia
A triste viuvez coa flor das graças,
Coa flor dos anos, e um carácter puro;
Tu por ela entre mil preposto, eleito,
E que a ti sup'rior só vês o trono;
Envolves estes bens, estas ideias
Nas sombras de tenaz melancolia,
Pesada, misteriosa, incompreensível!
Depois de longa ausência, ao berço, aos lares

De teus grandes avós tornado apenas,
Como que vives num desterro amargo,
Em vez de te sorrir, de recrear-te
No apazível teatro, onde exercestes
Os doces brincos da mimosa infância!
Ah! Se um servo fiel, se um servo antigo,
Que, igual na idade a ti, seguiu até agora
Teus passos, teu destino em toda a parte,
Se Antero, honrado sempre, e sempre digno
Da confiança tua, inda a merece,
Rompe um duro silêncio, e deposita
Dentro em meu coração teus dissabores!²⁴

.....

JAIME

Rogério foi perjuro ao rei, e à pátria;
Não merece piedade, horror merece
Quem ao dever, e às leis faz alta injúria.
E Eulália, prole minha, horror não sente
De nefanda traição, de atroz delito
Que, à falta de cutelo, exige o raio!
E Eulália chora o pai, lamenta o filho!...
Que digo!... Ama-o talvez, e irreverente
Ao domínio paterno, à voz do trono,
Um criminoso ardor, defeso, indigno,
Nos olhos, e nos lábios denuncia!...²⁵

.....

MATILDE

Ramiro me abandona, é certo, Elvira,
Matilde tem rival; por outros olhos
Enlouquece o traidor, arde o perjuro:
Os votos, que lhe ouvi, que os Céus lhe ouviram
Votos de um casto amar, lhe voam da alma.²⁶

.....

ARNALDO

Vencido estás, a tua espada é minha:
Aprende a respeitar os desgraçados,
A acatar a virtude, e... vive.

²⁴ Nada mais achei pertencente a esta primeira cena. (Nota de Pato Moniz.)

²⁵ Acho declarado que esta fala pertence ao primeiro acto, porém não a que cena. (Nota de Pato Moniz.)

²⁶ Igualmente esta, que pertence ao terceiro acto. (Nota de Pato Moniz.)

RAMIRO

Ó raiva!
Eu vencido por ti!... Mata-me, infame;
Como dádiva tua odeio a vida.

ARNALDO

Esses injúrias vãs são meu triunfo.²⁷
.....

RAMIRO

O filho de Rogério
Desarmou-me... ó labéu! Venceu-me.. ó pejo!
O braço me traiu, traiu-me o ferro;
Pela primeira vez cedeu Ramiro
A contrário poder: não mais contemples
Meus títulos, meu grau; já perdi tudo,
Indigno sou de ti; supõe-me extinto,
Supõe-me aniquilado: a injúria é morte.²⁸
.....

EULÁLIA

Opressor da ternura, e da inocência,
Verdugo do infeliz, que extinto adoro,
Torpe do sangue, da perfídia negro,
De mim queres amor?... Eu só te posso
Amar como no Inferno as Fúrias amam,
Eis o amor de que és digno: um ferro, a morte!...²⁹

RAMIRO

Ó céus!... Traidora... eu morro!³⁰

EULÁLIA

Acaba, infame,
Pérfido, acaba: tendes mais um monstro,
Abismos da medonha eternidade,
Agora que me resta?... O quê? Remir-me
Deste cárcere mundo, horrores todo.³¹

²⁷ Estas falas também acho que pertencem ao quarto acto, mas não designada a cena. (Nota de Pato Moniz.)

²⁸ Também pertence ao quarto acto e julgo que é logo na cena imediata ao desafio. (Nota de Pato Moniz.)

²⁹ Crava-lha de repente um punhal.

³⁰ Cai.

.....

CENA ÚLTIMA

EULÁLIA

Quer ante os olhos teus morrer Eulália,
Ao pai quer abraçar-se a terna filha
No momento final: contente expiro,
Ao ver-te é para mim suave a morte;
Teu ódio, teu furor já se aplacaram,
A justiça real salvou do opróbrio
A mísera inocência, e tu deploras
Do meu querido amante o fado acerbo:
Honra a memória sua, e coa saudade
Minhas cinzas consola. Arnaldo!... Arnaldo!...
Eulália vai no Céu, na glória amar-te,
Vai longe deste horror viver contigo
Acolhe a tua... ó Deus... perdão piedade.³²

JAIME

Filha, filha infeliz!... Que dor! Que transe!
Ah! Triste, eu não fui pai, eu fui verdugo...
Junto ao cadáver teu me puna o raio.³³

MATILDE

Dos frenesis de amor que amargo exemplo!
Quantos males consigo arrasta o crime!³⁴

³¹ Pertencem ao quinto acto, creio que na penúltima cena. (Nota de Pato Moniz.)

³² Morre.

³³ Desfalecendo abraçado à filha.

³⁴ Isto são pertenças, ou acrescentos da última cena. (Nota de Pato Moniz.)

Nota – À excepção da primeira fala, tudo mais achei lançado em oitavos de papel, prova bastante de que eram acrescentamentos, eu emendas aos lugares a que pertenciam: destes, mais pudera apresentar; mas como de *per si* valem pouco, pelo que se ignora a sua ligação, contentei-me de coligir o que basta para demonstrar a verdade da minha asserção, relativa ao acabamento desta tragédia, que sem dúvida era um grande abono para os créditos de Bocage. (Nota de Pato Moniz)

Obra digitalizada e revista por José Barbosa Machado. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>
